

EUA: produção industrial avança tão celeremente quanto um poderoso Titanic.

O que seria da crítica da economia (e da poesia que necessariamente a acompanha) se as relações sociais de produção não se assentassem em um preciso sistema de contradições?

A comprovação deste fato pode ser presenciada diariamente no movimento prático das diversas esferas deste regime social de produção. Observemos as duas principais.

O que acontece, por exemplo, neste momento, na esfera improdutiva dos mercados financeiros e de capitais, de um lado e, de outro, na esfera da produção industrial?

Exatamente uma contraditória unidade de duas diferentes esferas de valorização do capital.

De um lado, a esfera do capital produtor de juros, dividendos e de outras incontáveis formas de capital fictício, os populares “ativos financeiros”, etc. De outro lado, no chão duro das fábricas, minas e plantações, a esfera do capital produtor de lucro (mais-valia). A primeira improdutiva, a segunda produtiva.

Nesta quinta-feira (19) essa unidade desdobrou-se em uma persistente continuidade daquelas turbulências no mercado de capitais que tratamos no **boletim anterior**.

As ações voltaram a cair drasticamente. O índice Dow Jones Industrial caiu 314 pontos, liderada por quedas na Caterpillar e na Apple. O S & P 500 caiu 1,4%. O Nasdaq Composite recuou 1,9 por cento.

Os declínios de quinta-feira aumentaram as perdas acentuadas do mercado no mês. O Dow e o S & P 500 caíram mais de 4% cada, enquanto o Nasdaq caiu mais de 6,5% em outubro.

No exterior, o Shanghai Composite da China também caiu fortemente. O índice caiu 2,9 por cento na quinta-feira, em meio a preocupações com os níveis de empréstimos no mercado de ações e, de maneira mais ampla, sobre a desaceleração do crescimento da maior economia dominada do sistema.

EUA: produção industrial avança tão celeremente quanto um poderoso Titanic.

As ações na bolsa de Xangai estenderam suas quedas no início do pregão na sexta-feira (19), atingindo o nível mais baixo desde novembro de 2014.

Na segunda parte do dia o governo entrou pesadamente no mercado comprando tudo que via pela frente. Conseguiu abaixar um pouco a febre do paciente.

A preocupação do mercado de que a economia chinesa está à beira do abismo aumentou mais, na quinta-feira, depois que Pequim anunciou a desaceleração do PIB no terceiro trimestre/2018 para 6,5% ano a ano. Todo mundo sabe que o governo falsifica esses dados, mas mesmo fraudada, a taxa é preocupante. Acontece que esse é o ritmo mais fraco desde o primeiro trimestre de 2009, exatamente quando a economia mundial ainda se debatia com no ponto mais baixo da maior crise periódica global dos últimos setenta anos. Estamos preparando boletim especial sobre a vulnerável situação da esfera da produção industrial na China.

Enquanto na China a produção cai e arrasta para baixo os preços das ações, nos Estados Unidos a esfera produtiva de valor e de mais valia continua subindo fortemente. Como um sólido e inexpugnável Titanic.

De acordo com o mais recente **relatório do Federal Reserve** (Fed, banco central dos EUA), divulgado nesta terça-feira (16), a produção das manufaturas de bens de consumo duráveis da maior economia do planeta subiu robusto 5% ao ano no terceiro trimestre deste ano.

No primeiro e segundo trimestres anteriores já tinha subido 4% e 2%, respectivamente. Para se ter uma ideia melhor, veja a evolução de dois ramos altamente cíclicos da economia. Expressam de maneira perfeita a elevada temperatura do ciclo e da superprodução.

No mesmo terceiro trimestre/2018 a produção de máquinas cresceu o absurdo de 8,5% ao ano.

A produção de veículos automotores registrou um absurdo maior ainda, registrando expansão de 10,4%.

EUA: produção industrial avança tão celeremente quanto um poderoso Titanic.

Nunca se produziu tantas máquinas e tantos automóveis na história do universo. Lembrando que a totalidade da indústria dos EUA produz anualmente mais de três trilhões e setecentos bilhões de dólares.

Esse valor da produção é medido em termos de valor agregado (massa de valor e de mais-valia). É disparadamente a maior produção industrial do mundo. A brasileira, que é a décima do mundo, ou algo próximo, não chega a um décimo dessa imensa máquina estadunidense.

Como, ou onde a contradição se manifesta nesta exuberância produtiva de mais-valia? Exatamente na fonte do valor agregado produzido pela indústria. Na dependência do capital ao emprego da classe operária assalariada.

Na composição orgânica do capital o trabalho e as máquinas produzem no processo de trabalho o produto (massa de utilidades ou riqueza), mas só o trabalho produz no processo de valorização o valor e mais-valia (massa de capital).

Pois é exatamente o mercado dessa fonte do valor que está cada vez mais comprador e menos vendedor nos EUA.

Cada vez menos operários assalariados ofertando força de trabalho para ser consumida pelos “empresários” (privados ou estatais, tanto faz) no processo de valorização do capital.

A taxa de desemprego da classe operária na economia de ponta do sistema já está abaixo de 4%. Na prática isso é quase pleno-emprego do estoque disponível de força de trabalho.

O exército industrial de reserva está perigosamente (para o capital, off course) esvaziado. A lei geral da acumulação mostra sua cara e complica a seriamente a situação.

Soa então o sinal de alerta para os capitalistas. Sem trabalho, nada de lucro! Quando, no ciclo econômico, a máquina capitalista se aproxima do pleno emprego da classe operária pode-se aumentar à vontade a produção de mercadorias simples (produto).

EUA: produção industrial avança tão celeremente quanto um poderoso Titanic.

Pode-se produzir muitos automóveis, máquinas, smartphones, eletrodomésticos, aviões, etc., aumentando a quantidade de moeda e de crédito, mas quase nada de capital será produzido.

Não basta produzir coisas úteis para serem consumidas, há que se produzir capital, essa coisa absolutamente inútil (e altamente hostil) para a população. Há que se conhecer corretamente a natureza da lei do valor-trabalho (e, não esqueça, do duplo caráter do trabalho contido na mercadoria) para entender essa contradição especificamente capitalista.

Foi justamente essa contraditória relação social de produção do capital que andou preocupando, nesta semana, até os mais prestigiados oráculos do sistema.

Como nosso velho conhecido Allan Greenspan, ex-presidente do Fed por quase vinte anos, que, em entrevista nesta quinta-feira (18), ao **Squawk Box**, declara solenemente que “este é o mercado de trabalho mais apertado que já vi”.

Greenspan, de 92 anos, afirma que a taxa de desemprego mais baixa em 50 anos, justamente quando as empresas clamam por mais e mais trabalhadores, forçará a elevação dos salários e, “naturalmente”, a inflação.

Diz também que “a economia dos EUA está experimentando algo que ele nunca viu antes. Em última análise, os preços tomarão conta da economia”. É essa fatalidade da Curva de Philips, essa bobagem ideológica criada pela economia vulgar, que serve de justificativa para o presidente do Fed, Jerome Powell – aquele que anda fugindo de Trump nos últimos dias como o diabo foge da cruz – anunciar que a taxa básica de juros do universo, quer dizer, dos EUA, vai continuar subindo.

De acordo com as minutas divulgadas na mais recente reunião de política monetária do Fed, os dirigentes do banco central do planeta continuam convencidos de que “continuar aumentando gradualmente as taxas de juros é a melhor fórmula para preservar uma economia estável”.

EUA: produção industrial avança tão celeremente quanto um poderoso Titanic.

Essa trajetória é suicida. Fará explodir a economia. É por isso que o presidente Donald Trump tem repetidamente criticado o presidente do Fed, Jerome Powell, nas últimas semanas, dizendo que o Fed está aumentando as taxas muito rapidamente e que um crescimento econômico mais forte não levará a uma inflação problemática.

O espalhafatoso presidente dos EUA está tecnicamente correto. Ele poderia acrescentar aos seus economistas, incluindo o venerando Greenspan, que o problema da economia estadunidense não é inflação, é deflação.

O problema não é uma simples inversão de fenômenos. Acontece que a deflação é uma doença muito mais fatal que os surtos inflacionários que ainda ocorriam sem maiores consequências até o grande choque parcial de 2000/2002.

Bastava praticar o catecismo keynesiano para resolver o problema.

Agora não mais.

Nas condições de uma fulminante tendência à deflação dos preços, aumentar as taxas reais de juro só vai agravar a verdadeira doença que ataca os preços (e a taxa geral de lucro neles embutida) em todo o mundo civilizado.

Na entrevista à Squawk Box, Greenspan deu a Powell um voto de confiança, dizendo que ele não está preocupado para onde o Fed liderado por Powell está se dirigindo com a política monetária.

O esclerosado economista, que já viveu momentos de mais lucidez, acrescentou que a melhor maneira de os banqueiros centrais lidarem com as lamúrias presidenciais, que, para ele, acontece durante todas as administrações, é colocar “protetores de ouvido”.

A contradição básica do regime capitalista explode no salão oval da Casa Branca. Trump disse em nova entrevista, nesta quinta-feira, que “o Fed e sua política de elevação dos juros é meu maior problema”.

Na verdade, seu maior problema é como evitar o choque do invencível Titanic econômico com o iceberg mais à frente.

EUA: produção industrial avança tão celeremente quanto um poderoso Titanic.

Acontece que este ser corroído até à medula pelas suas próprias contradições e, portanto, absolutamente incontrolável, acelera cada vez mais na direção do seu inescapável destino.